

Ribeiro Sanches: uma vida no fio da navalha Norberto Ferreira da Cunha



Ribeiro Sanches

1

Infância e adolescência

Conforme consta na fl. 170 v.^o do livro de baptizados da Vila de Penamacor, António Nunes Ribeiro Sanches nasceu nesta vila, no dia 7 de Março de 1699, filho de Simão Nunes e de Ana Nunes Ribeiro¹. A sua mãe era natural de Idanha-a-Nova e filha de Manuel Henriques Lucena, cristão-novo, natural de S. Vicente da Beira e morador na cidade de Lisboa, onde

foi procurador da Casa dos Cinco, o que não o livrou de ser preso aos 62 anos de idade, na Inquisição da capital, por suspeita de práticas judaizantes, que negou². Como sua mãe, também o seu pai, natural de Penamacor, era cristão-novo, negociante de profissão e, ao que parece, também sapateiro – como afirmou Luís Nunes Ribeiro, seu primo, na Inquisição de Lisboa, em 1732. E, como o seu sogro, também ele conheceu o travo inquisitorial; aos quarenta e dois anos, mais precisamente em 30 de Maio de 1715 (era Ribeiro Sanches um adolescente), apresentou-se, juntamente com a esposa, na Inquisição de Lisboa.

Educado «nas mais puras crenças cristãs»³, Ribeiro Sanches, como os demais filhos de outros cristãos-novos, foi, também, vítima do ferrete da discriminação e do labéu aviltante que essa discriminação arrastava consigo; ele mesmo o denuncia num testemunho doloroso:

«Tanto que um Menino Christão novo he capaz de brincar com os seus iguaes, logo começa a sentir a desgraça de seu nascimento, porque nas disputas que nascem dos brincos daquela idade, já começa a ser insultado com o nome de Judeo e de Christão novo. Entra na Eschola, e como he costume louvavel, que estes Meninos vão, não só os dias de preceito, mas ainda de trabalho à Igreja já com o seu Mestre ouvir missa, e ajudar a ella, acompanhar o Santissimo Sacramento, e outras procissões, o mesmo Mestre, o Clerigo ignorante, o Irmão da Confraria, e o peor he o mesmo Parocho, ja fazem destinação deste Menino, e daquelles que são Christãos velhos; porque estes são preferidos para ajudarem à Missa, para levarem o Castiçal, ou véla branca, ou tómar a vara do Pálio. Esta preferencia he bem notada daquelle Menino, ou Rapaz Christão novo; agasta-se, peleja, e chóra, por se ver tratado com desprezo. Entra este Rapaz no Commercio do mundo, e a cada passo observa que os Christãos velhos por trinta módos o insultão e desprezão: quanto mais vil he o nascimento e officio do Christão velho, tanto mais fortemente insulta ao Christão novo; porque como he honra ser Christão velho, quem insulta e despreza a hum de Nasção, honra-se, e destingue-se; por isso o Carniceiro, o Marióla, o Tambor, e o mesmo Algoz, o negro escravo são os primeiros a que insultam e que dão a conhecer com infâmia hum Christão novo: os que tem melhor educação, lá dão os seus sinais de destinação, mas

com maior decencia: hum quando falla com elle lhe diz huma meya palavra de Caõ, outro por gíria lhe chama Judeo; outro põem a mão no nariz; outro antes que falle dá hua Cutilada de dedos pelos bigodes; a mayor parte faz acenos que tem rabo. Este he o trato que tem hum Christaõ novo com os seus compatriótas»⁴.

A eloquência deste longo testemunho quase dispensa comentários. No entanto, não será dispiciendo lembrar que a persistência social desta situação discriminatória não podia deixar de vincar, nas suas vítimas, dois traços característicos: por um lado, o ódio e o ressentimento para com a sociedade e, no limite, a vergonha e o isolamento⁵ e, por outro, o fingimento ou hipocrisia, como estratégia de defesa. Essa violenta discriminação e a dualidade e/ou ambiguidade de comportamentos que por vezes exigia e a que teve, por vezes, de ceder, atormentá-lo-á toda a vida. Cremos, aliás, ser essa discriminação que, em última instância, está na origem da sua saída precipitada de Lisboa para o estrangeiro, em 1726; assim como parece não haver dúvidas que foi o labéu derivado da denúncia de «judeu português», feita, na Corte russa, por um invejoso colega de profissão e seu antigo condiscípulo, em Leide, que o levou à demissão voluntária e à saída da Rússia. Sabemos que não foi fácil a Ribeiro Sanches viver instalado nessa diferença. Tanto mais que, tempos houve – os da adolescência – em que foi, particularmente, devoto, chegando mesmo a pretender seguir a carreira eclesiástica (o que não aconteceu, por não ter carta de limpeza de sangue). E se a conversão de Ribeiro Sanches ao judaísmo o libertou, em Inglaterra, da discriminação de que fora vítima em Portugal, as dúvidas que em breve o assaltaram sobre o credo mosaico, a renúncia a este e a sua reconversão ao Catolicismo, em Itália, colocaram-no numa situação penosa pela ambígua (melhor dizendo, omissa) conduta religiosa a que, frequentemente, se viu compelido pelas circunstâncias. Este drama religioso (onde a discriminação desempenha um importante papel) muito terá contribuído para agravar o temperamento hipocondríaco de Ribeiro Sanches. Por sua vez, aos doze anos de idade, recebeu na cabeça uma pedrada que o manteve num estado de doença e sofrimento até aos 26 anos⁶. E, se a partir deste ano, melhorou quanto às dores de cabeça, a verdade é que não deixou de ter uma saúde precária, sofria de achaques frequentes e mantinha uma hipersensibilidade que esteve na origem, segundo ele, da sua renúncia à cirurgia – sentia o sofrimento dos seus próprios pacientes! – a troco da clínica. Temos, pois, um

Ribeiro Sanches, hipocondríaco e de saúde delicada, desde a infância, cujo isolamento e misantropia – para os perigos da qual, por mais de uma vez o advertiu o seu amigo Van Swieten – terão sido, certamente, reforçados, pela discriminação social de que foi vítima e que, no alvorecer da adolescência – cerca dos 14 anos – ainda se lembrava do tempo das guerras da sucessão e das companhias chamadas de *meio alqueire* (porque os soldados não tinham de salário mais que meio alqueire de cevada ou centeio, por dia) que incursionavam por terras de Castela, capitaneadas por lavradores ricos, incendiando e roubando⁷. Uma infância, portanto, penosa e recheada de sobressaltos.

Quanto à sua primeira educação não me parece crível – ao contrário do que afirma Andry (e repete Vicq d’Azyr)⁸ – que tivesse sido orientada pelo seu pai, homem de diminuta instrução (não sabia mais do que ler e escrever) e de modestos recursos, em cuja casa – como dirá, mais tarde, Ribeiro Sanches – escasseavam os livros⁹; muitos terá lido, no entanto (a crermos nas suas palavras), pelos livros emprestados por Francisco Tabora Nogueira, homem muito lido e versado em assuntos de literatura, que se mostrava encantado com a curiosidade do pequeno «Ribeirinho»¹⁰. Depois de frequentar a escola de latim – como outras crianças de Penamacor – foi mandado por seu pai, aos treze anos, para a casa de um parente na Guarda (possivelmente, para casa de António Rodrigues, casado com Leonor Mendes, sua tia paterna), a fim de continuar, aí, os seus estudos¹¹. Por mediação e recomendação deste tio tomará lições dum cristão-novo, homem de idade e versado em leituras, que lhe deu a ler a crónica de Damião de Góis sobre D. Manuel, lhe ensinou a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos e lhe inculiu os valores da verdade e da caridade (embora nunca lhe tenha dito algo sobre a Inquisição e a Religião)¹². Não sabemos até que ponto os ensinamentos deste amigo do seu tio o influenciaram. Mas sabemos que a caridade se tornou um dos traços mais marcantes da conduta de Ribeiro Sanches, de tal modo que – no dizer de Andry – o ilustre médico egitiense «nunca passou um só dia sem se ocupar da felicidade dos homens em geral e sem fazer para alguns deles, em particular, uma acção generosa»¹³. O que era verdade. Exemplares, a este respeito, são a generosidade e amor ao próximo de que deu mostras quando foi médico nos exércitos russos (pois muitas vezes deu aos indigentes o que pouco antes recebera de clientes ricos)¹⁴, as dívidas que perdoou a alguns amigos (como a Soares de Barros) e já, em

Paris, depois do seu regresso da Rússia, as consultas que dava aos pobres sem lhes cobrar honorários. Mas Sanches não hauriu, na Guarda, apenas o altruísmo humanitarista do amigo do seu tio. Teve, também, a sorte, de conhecer aí, aos 14 anos de idade, Martinho de Mendonça de Pina e de Proença (tinha este cerca de 20 anos) que lhe instilou o gosto pelas «boas letras»¹⁵; relação que Ribeiro Sanches retomará em 1721, não apenas na Guarda mas também em Benespera (uma das residências de Martinho de Mendonça) dois anos depois do regresso deste do seu «giro pela Europa» (na feliz expressão de Caetano de Sousa) que deve ter ocorrido em 1719¹⁶. Se assim foi, a convivência com Martinho de Mendonça terá sido reatada por Ribeiro Sanches quando este estava já no primeiro ano do Curso de Medicina, em Salamanca. É crível que as suas conversas versassem sobretudo, matérias de índole filosófica, tanto mais que Martinho de Mendonça conhecia bem Gassendo e Wolf assim como a filosofia natural do seu tempo; sabemos, também, que o autor dos *Apontamentos* o incitou, frequentes vezes, a que «pensasse sair fora de Portugal, para saber o que jamais se pode aprender nele»¹⁷. É crível, portanto, que esta relação tenha instilado, no ânimo de Ribeiro Sanches, a crença – confirmada e reforçada pelo desencanto da frequência universitária de Coimbra e Salamanca – de que o verdadeiro saber estava para além dos Pirinéus, havendo mesmo quem afirme – como Andry e António Ferrão – que foi esse anelo que o levou a abandonar, subitamente, o país a caminho do estrangeiro, em 1727¹⁸. É verdade que o próprio Sanches confessará, mais tarde, ao seu amigo Pacheco Valadares, que enquanto esteve em Portugal, viveu imerso numa atmosfera aristotélica¹⁹. Mas também é verdade que parece ter sido só *depois* de ter emigrado para além dos Pirenéus que despertou do «sono dogmático» em que vivera até então. É este rapaz hipersensível e caridoso, culturalmente insaciável mas austero e recatado, avesso a aventuras, que, depois de passar três anos na Guarda (supostamente até completar os seus estudos de latim) vai estudar para Coimbra (e não para Salamanca como diz Andry) com a intenção de se tornar eclesiástico²⁰. Tinha então 16 anos de idade.

2

Estudante em Coimbra e Salamanca

Por uma nota autografada de Ribeiro Sanches, numa carta escrita ao seu antigo professor Manuel Baptista, em 10 de Agosto de 1748, sabemos que este jesuíta foi seu professor de Filosofia, no Colégio das Artes, em Coimbra, nos anos de 1716-17 a 1717-18²¹. Por sua vez, numa outra carta, sem data, enviada ao Dr. Joaquim Pedro de Abreu, escrita, contudo, depois de ter terminado a sua introdução ao *Método para aprender e estudar a Medicina* (1763), diz ter estudado filosofia, em Coimbra, no Colégio dos Padres da Companhia, desde os anos de 1716 a 1719²². Efectivamente, o seu nome consta dos registos de matrícula do Colégio das Artes embora não conste que aí tenha feito qualquer exame²³. Portanto Ribeiro Sanches esteve, mais de dois anos lectivos, em Coimbra. Nas férias do segundo ano escolar, ou seja, de 1717-18, foi passar férias, a Tomar, em casa de um parente de seu pai – «o melhor Português e mais afeiçoado que conheci na nossa nação», segundo disse – homem muito rico e idoso que estivera preso na Inquisição, por quem soube como esta instituição procedia com os cristãos-novos que caíam na sua alçada²⁴; todavia, no dizer de Sanches, este seu parente era um cristão praticante e devoto, que nunca lhe falou contra a fé católica²⁵. Depois destas férias, voltou para Coimbra – como diz a Francisco de Pina e Melo – onde passou quase todo o terceiro ano²⁶. Devido aos motins provocados pelo rancho da Carqueja²⁷ (mais do que à sua descoberta dos *Aforismos* de Hipócrates, a meu ver) os seus pais decidiram enviá-lo, no ano seguinte, para Salamanca, onde se matricula em Medicina, em 28 de Novembro de 1720, conforme consta do registo do livro de matrículas, relativo ao ano de 1720-21²⁸. Tinha então 21 anos de idade, feitos em Março. A sua estadia em Coimbra não lhe deixou recordações agradáveis. Quanto ao ensino recebido no Colégio – com excepção do do P.^o Manuel Baptista, ao qual se refere com desvelo e admiração²⁹ – considerou-o sofrível, dogmático e, inutilmente, disputativo, mais propício ao desenvolvimento da vaidade, da soberba e da obstinação intelectuais de «engenhos melancólicos», de misantropos e «aborrecedores dos homens» – dos que em latim se chamam *umbratici doctores*³⁰ – do que ao conhecimento da verdade e à formação de cidadãos úteis³¹. Quanto ao ensino da Universidade, tinha-o na conta de medíocre e, aos seus condiscípulos, considerou-os gente ociosa e indisciplinada.

Contudo, não dispomos de qualquer informação de que Sanches tenha frequentado a Universidade (nem Medicina nem Direito, onde não há rasto de qualquer registo de matrícula nem provas de curso e exames), muito embora tenha dito a Pacheco Valadares que estudou direito civil durante dois anos (sem dizer onde)³². A veracidade desta afirmação não é, porém, incompatível com a não frequência da Faculdade de Direito. Efectivamente, tudo leva a crer que o Direito civil que conheceu lhe veio da casa de um tio, jurista de certa nomeada em Penamacor, com quem deve ter trabalhado – segundo Maximiano Correia – desde os fins de 1718 até à sua ida para Salamanca, hipótese que em nada colide com a sua estadia em Coimbra, onde os estudantes tinham um curtíssimo ano lectivo³³. Este conhecimento forense parece confirmado pelo modo como fala da prática da advocacia, quer criticando, com conhecimento de causa, os seus «arrazoados» mais correntes – que acusa de recorrerem, sem reboço, ao argumento da autoridade e às paixões particulares em prejuízo das boas deduções – quer discorrendo, ampla e minuciosamente, sobre a formação que deveria ter um advogado (conhecimentos de direito civil e da sua história, do direito pátrio, do direito das gentes, de economia política, de retórica, de história antiga tanto secular como eclesiástica, das línguas francesa, portuguesa e latina, etc.) tendo, sempre em vista, a sua prática³⁴. Estas recomendações sobre a formação que deveria ter um advogado para bem exercer o seu ofício (distantes das que se ministravam na Universidade de Coimbra), a tónica posta por Sanches no *modus faciendi* do Direito, o reconhecimento do seus diminutos conhecimentos quanto à terminologia do direito civil e canónico, as recomendações, ao seu corres-pondente, sobre as vantagens da aplicação duma técnica inusual de anotações aos tratados de Direito, colhida nas aulas de Medicina, em Leide, e, por fim, a inexistência de registo de matrículas em Direito, na Universidade, levam-me a crer, como mais que provável, que Sanches não tenha, efectivamente, tido uma formação universitária nesse domínio do saber³⁵.

A mudança de Ribeiro Sanches para a Universidade de Salamanca não lhe trouxe uma mudança qualitativa relativamente a Coimbra, do ponto de vista da aprendizagem. Como sabemos, zurziu, implacavelmente, no ensino ministrado em ambas nas suas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1760). Não o chocou apenas a sofrível qualidade de ensino ministrado – que, como já dissemos, a soberba intelectual tornara dogmático, frívolo e cego à mudança – mas, também, os costumes laxistas dos estudantes.

É, no entanto, provável que tenha apreciado mais a universidade salamanquina do que a Universidade de Coimbra, pois naquela era desconhecido como cristão-novo e estimado pelos professores. Em Salamanca passará os anos lectivos de 1720-21, 1722-23 e 1723-24, alcançando o grau de Bacharel, em Medicina, em 5 Abril deste último ano (e não em 1725, como diz Barbosa Machado), mediante exame efectuado perante quatro examinadores que o aprovaram «nemine discrepante»³⁶. Tinha, então, vinte e cinco anos de idade³⁷. Nesses anos de Salamanca não deixou, contudo, de vir a Portugal, tanto mais que a cidade do Tormes ficava bem mais perto da Guarda do que de Coimbra. Não surpreende, pois, que no fim do ano lectivo 1720-21 – e como as férias se dilatavam por vários meses – o encontremos em Benavente, em casa da sua tia Clara Henriques e, aproveitando a ocasião, tenha ido até Lisboa, visitar o seu tio materno Diogo Nunes Ribeiro e a família³⁸. Este seu tio médico – segundo Ribeiro Sanches – conhecia, invulgarmente, bem os procedimentos da Inquisição, onde já estivera duas vezes, e deu-lhe a ler uma memória manuscrita sobre a «origem e modo interior político, económico e jurídico da Inquisição»³⁹; foi com ele que Ribeiro Sanches discutiu, pela primeira vez, o judaísmo e, embora não convertido ainda ao novo credo religioso, começou a ler o Pentateuco⁴⁰ e, logo a seguir, a Bíblia comentada, leitura que continuou a fazer com o seu tio João Nunes, depois que regressou a Benavente, sem contudo se atrever a dizer-lhe as motivações profundas por que o fazia⁴¹. Maximiano Lemos afirma que Ribeiro Sanches, pese embora uma resistência inicial aos argumentos do seu tio médico, acabou por se deixar persuadir por eles⁴². Conclusão que me parece apressada e não se infere dos depoimentos de Sanches. O que este disse foi que, depois da sua passagem pela casa do tio João Nunes Ribeiro, no Verão de 1721, se sentiu muito confuso⁴³, mas que até à idade de 23 anos sempre viveu e teve todas as ideias «perfeitamente adequadas à Religião cristã»⁴⁴, o que quer dizer que a mudança religiosa que nele se efectuou só aconteceu depois de 9 de Março do ano seguinte, pois só, então, fez 23 anos. Por outro lado, como Sanches, devido às suas dúvidas religiosas – decorrentes das suas passadas conversas, no verão anterior, com o tio médico e às leituras posteriormente feitas – não se confessou em 1722 e nos dois anos seguintes (ou seja, em 1722-23 e 1723-24) e como a confissão era habitual fazer-se pela Páscoa, podemos concluir que Ribeiro Sanches, efectivamente, só se afastou do Catolicismo a partir de 1722. Não me parece, portanto, que tenha saído da casa do tio médico, convencido que a fé

judaica era a única verdadeira. E que essa conversão só aconteceu em 1722, confirma-o o testemunho de um seu primo, na Inquisição⁴⁵. Além de que o judaísmo de Ribeiro Sanches, desde a sua conversão até 1724 (ano em que volta a reencontrar-se com o seu tio médico, em Lisboa) era *sui generis*, pois ainda que desafecto à Lei de Cristo, não observava a Lei de Moisés, limitando as suas orações aos sete Salmos Penitenciais⁴⁶. É sob a pressão desta confusão doutrinal que Ribeiro Sanches regressa a Salamanca, para as actividades discentes do ano de 1721-22. Demora-se, contudo, algum tempo na Guarda, pois é desta altura a sua visita a Martinho de Mendonça recém-chegado à Guarda, do seu giro pela Europa. As férias grandes dos anos lectivos seguintes, ou seja, 1722-23 e 1723-24, aproveitá-las-á, dilatando-as até meados de Dezembro, para praticar medicina, na Guarda, sob a orientação dum médico, amigo do seu tio, o dr. Bernardo Lopes de Pinho; médico «mecânico no sistema, mas eclético na eleição»⁴⁷ por quem teve sempre uma elevadíssima estima e com quem aprendera – como dirá mais tarde – quanto importa a *conduta* do médico para a cura do doente⁴⁸.

3 Médico em Benavente

Acabado o curso em Salamanca em 5 de Abril de 1724, Ribeiro Sanches regressou a Portugal, tendo-se fixado em Benavente, durante dois anos, ou seja, até 1726, certamente à sombra dos seus tios, Clara Henriques e João Nunes⁴⁹. Maximiano Lemos não crê, todavia, que apesar da protecção dos tios, o jovem Ribeiro Sanches tenha obtido o cargo de médico de partido da vila – como diz Andry (supostamente baseado no próprio testemunho de Sanches) – a não ser, temporária e precariamente, pois um cargo público exigia a apresentação do impossível para Sanches – um atestado de limpeza de sangue – que, certamente, acabou por lhe ser exigido pela Câmara, sob pressão indirecta de algum concorrente ao mesmo lugar⁵⁰. Contudo, logo que chegou a Benavente apressou-se a visitar, em Lisboa, o seu tio médico, Diogo Nunes Ribeiro e a família, com quem conviverá durante vários meses. Já, então, estava «convencido que a lei judaica era a verdadeira»⁵¹. É, também, durante esta sua estadia em Benavente que lê vários manuscritos de António Vieira sobre a Inquisição⁵² e toma conheci-

mento, pela leitura da *Civitate Dei*, de Santo Agostinho, do versículo bíblico que condena ao extermínio quem não tenha sido circuncidado; ao que parece, este conhecimento tê-lo-á perturbado, profundamente, tendo sido mesmo uma das causas determinantes da sua decisão de emigrar para o Norte da Europa⁵³. Não me parece, no entanto, que tenha sido este acendrado fervor religioso o único factor a determinar o seu voluntário e súbito expatriamento. Na verdade, não conhecemos qualquer «sacrifício» invulgarmente relevante cometido por Sanches por amor da religião. Seja qual for. Pelo contrário. Para salvaguardar o seu sustento, ocultará a sua conversão ao Catolicismo quer em Bordéus quer em Leide. Por isso parece-me que a sua saída de Portugal para o estrangeiro se deve a motivos mais prosaicos (mas nem por isso menos dignos e legítimos). A Inquisição de Lisboa, desde que descobrira a convivência do seu tio médico na fuga de um cristão-novo, em 1725, apertava-lhe cada vez mais o cerco; a prisão deste podia acontecer a qualquer momento, despoletando uma confissão que poderia vir a comprometer, irremediavelmente, Ribeiro Sanches. Por outro lado, Manuel Nunes Sanches, seu primo, cirurgião e morador em Vila Franca de Xira, preso e interrogado pela Inquisição de Lisboa, confessara, em 29 de Outubro de 1726, que havia quatro anos atrás, ou seja, em 1722, estivera com Ribeiro Sanches, tendo ambos declarado um ao outro a sua crença e vida na lei de Moisés⁵⁴. Apavorado com a possibilidade de uma prisão iminente pelo Santo Ofício⁵⁵, Ribeiro Sanches parte subitamente, no último trimestre de 1726, para o norte da Europa, com destino a Inglaterra, via Génova, despedindo-se, exclusivamente – conforme diz Barbosa Machado – de Diogo Nunes Ribeiro⁵⁶. Há quem não aceite, no entanto, razão tão prosaica – como a do medo da Inquisição – como suficiente para explicar o expatriamento de Sanches. Nesse número se contam Andry e António Ferrão, entre outros, para quem a saída de Sanches se deve, principalmente, a uma insaciável curiosidade intelectual, afiada no convívio com Martinho de Mendonça de Pina e Proença⁵⁷. É possível que razões de ordem cultural tivessem reforçado a sua decisão, mas não determinado esta.

4

A saída para o estrangeiro: Inglaterra, França e Itália

Em 1727, Ribeiro Sanches já se encontra em Inglaterra; confirmam-no, também, as declarações do seu primo Diogo Nunes, na Inquisição de Lisboa, em 7 de Outubro de 1729, onde confessou que, havia cerca de dois anos, estivera, em Londres, em casa do seu primo, o médico Diogo Nunes Ribeiro (que emigrara para a capital inglesa em 1727), onde encontrou, também, António Nunes Ribeiro Sanches (seu segundo primo), tendo a oportunidade de observar que ambos praticavam o judaísmo e frequentavam a sinagoga⁵⁸. Como é natural, as relações pessoais de Ribeiro Sanches, na capital inglesa, devem ter-se confinado à comunidade judaica, sendo provável que aí tenha conhecido Jacob de Castro Sarmiento (refugiado em Londres, desde 1721)⁵⁹. Por conselho do seu tio Diogo Nunes Ribeiro, Sanches circunciza-se e passa a praticar a religião judaica⁶⁰. Todavia, os «costumes bárbaros, misturados com os do Norte»⁶¹ dos seus correligionários, os abusos que lhes viu praticar e as dúvidas que a própria religião mosaica lhe suscitou, rapidamente, o consciencializaram da sua precipitada adesão ao judaísmo, fazendo-o oscilar entre o Talmud, a Bíblia e o deísmo⁶². Simultaneamente, foi colhendo mais informações sobre aquele que era certamente o grande tema de conversa dos emigrados – a Inquisição – com vista à redacção de uma *relação* sobre os cristãos-novos que se propunha enviar ao seu amigo Pacheco Valadares, como lhe diz em carta de 15 de Julho de 1735⁶³. Se não mais importante, pelo mais mais prioritário era, contudo, para Sanches, o problema da sua sobrevivência com aquela decência mínima exigida pela sua condição de médico; o que não se afigurava fácil, pois na comunidade judaica portuguesa os médicos sobejavam – o seu tio e Jacob de Castro Sarmiento. Na impossibilidade de exercer a clínica, valeu-lhe o lugar de perceptor dum jovem, descendente da família Solis (o famigerado cristão-novo, queimado vivo em 3 de Setembro de 1631, por alegado roubo sacrílego do sacrário da Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa)⁶⁴. Função que, embora mal paga, deu-lhe, no entanto, tempo de sobra para satisfazer, amplamente, a sua curiosidade científica e filosófica, estudando as matemáticas com John Stirling⁶⁵, visitando e frequentando hospitais, inclusive – segundo Vicq d’Azyr – as lições de anatomia de Douglas⁶⁶. Mas tenha ou não tenha Ribeiro Sanches estudado Matemáticas, Física e Química em Inglaterra, o certo é que,

sobremaneira, as apreciava – mantendo especial veneração pela ciência inglesa – considerando-as indispensáveis e as mais próprias ao estudo e prática da Medicina, conforme a pensava e praticava Boerhaave (e os seus émulos e seguidores em Edimburgo, em Leide e, em parte, em Bolonha)⁶⁷. Durante o período da sua estadia em Inglaterra, visitou, em 1728, a Universidade de Montpellier, subiu a Paris e desceu de novo, indo até Marselha, onde passou algum tempo e conheceu o «famoso Bertrand»⁶⁸, médico a quem deve o primeiro conhecimento dos *Aforismos* de Boerhaave e que o aconselhou a ouvir, em Leide, o seu ilustre autor⁶⁹. De Marselha passou a Bordéus acolhendo-se – juntamente com o seu irmão que levava consigo – à protecção da família do seu antigo discípulo de latim e história⁷⁰. Algum tempo depois, movido pelo objectivo de exercer medicina, deixou esta família e viajou para Liorne (Itália) em busca de emprego como médico. Em Liorne, onde passava por judeu inglês, começou a frequentar a companhia de alguns cristãos sábios e aproveitou para frequentar a Universidade de Pisa, onde travou conhecimento com o P.^o Alberto Soria, lente de filosofia, que Sanches considerou «o mais ilustre de todos» os que conhecera⁷¹ e que o reconverterá ao Catolicismo⁷²; reconversão que não derivou só duma súbita iluminação do espírito – como adverte Maximiano Lemos – mas duma decisão apoiada no reconhecimento de que o livro de Daniel envolvia erros que lhe foram mostrados pela ciência filológica e histórica⁷³; no entanto, não ousou praticar, de imediato, o que em consciência já adoptara⁷⁴. Ainda em Liorne, teve a ajuda do diplomata João de Almeida, secretário da nossa embaixada, em Roma, a quem prestou serviços clínicos e que, depois de conhecer que Sanches só «aparentemente» era judeu (o próprio Sanches lho confessara) o protegeu, convidando-o a transferir-se para a capital do Catolicismo. Preocupado, porém, com o irmão Manuel, que deixara em Bordéus, em casa dos Solis, que o tratavam como filho, regressou a França, sem mesmo se despedir de João de Almeida, no inverno de 1729, depois de muitos trabalhos, penas e fadigas⁷⁵. Chegado a Bordéus, confessou ao irmão a sua reconversão ao Catolicismo que, em sequência, abjurou, também, do judaísmo. Audácia que, embora confidencial, lhes criou uma situação difícil de gerir: por um lado, acossados por uma penúria confrangedora e, por outro, vivendo sob o tecto duma família judaica que os ajudava por solidariedade religiosa (da qual já se tinham, em consciência, desvinculado). Perante esta situação, Ribeiro Sanches pôs, seriamente, a hipótese de regressar a Portugal, arrostando com todas as consequências decorrentes da sua decisão. Impediu-o, no entanto, o

temor de «vir a morrer queimado por negativo» e a ausência de meios para fazer a viagem, de volta, ao seu país (nem a pé!)⁷⁶. Mas mais do que a Inquisição, havia que temer os preconceitos anti-judaicos. Quando, muitos anos depois, o embaixador D. Luís da Cunha, seu amigo, levantou a hipótese, ao Cardeal da Mota, de Ribeiro Sanches regressar a Portugal e poder vir a leccionar em Coimbra⁷⁷, o ministro joanino respondeu-lhe que, mais do que as dificuldades levantadas, eventualmente, pela Inquisição (contornáveis, em seu entender) eram de temer os preconceitos dos portugueses sempre dispostos a humilhar (e quantas vezes do modo mais despejado!) quaisquer cristãos-novos, mesmo os mais respeitáveis e talentosos⁷⁸. Ribeiro Sanches incluía-se nestes, não estando, por isso, isento do escárneo público. Entre dois fogos, portanto – a falsa e incómoda situação em que vivia e a perspectiva duma possível marginalização na sua pátria – Ribeiro Sanches optou pela situação menos arriscada; e, como entretanto, a família Solis, o convidou a acompanhar o filho a Leide, onde era mandado estudar Medicina, aceitou o convite, chegando ambos àquela cidade no início de 1730, não sem passar, primeiro por Londres e Paris, deixando nesta última cidade o seu irmão, onde ficou a estudar cirurgia⁷⁹.

5

Discípulo de Boerhaave, em Leide

A comunidade universitária de Leide oferecia então, aos sábios da Europa – no dizer de Andry – «um espectáculo semelhante àquele que, nas artes, Atenas e as cidades mais célebres da Grécia, deram outrora às nações»⁸⁰. É neste célebre areópago universitário que Ribeiro Sanches se inscreve em 12 de Abril de 1730⁸¹; nele se sentirá de tal modo bem que, pela vida fora, considerará a Universidade de Leide – pelo seu governo, ausência de divertimento e dissipações – como a mais apropriada e proveitosa ao estudo, entre todas as que conhecera⁸². Em Leide, embora não praticando a religião judaica (o que acontecia desde que deixara a Itália), vivia, contudo, aparentemente, como judeu⁸³; condição que mantinha com receio das represálias dos antigos confrades e das consequências nefastas, para si, junto da família judaica que o sustentava⁸⁴. Apesar disso, muitos anos depois, em S. Petersburgo, um ex-condiscípulo e médico rival na corte russa, o dr. Smith, acusou-o de judeu, argumentando que o vira, por então,

na sinagoga de Amsterdão, o que não parece verosímil (pelo que acabamos de dizer) mas pode, também, não ser falso, se tivermos em conta que Sanches tinha de dar «sinais» de aparente judaísmo (ainda que não o praticasse...). Enquanto esteve em Leide, Ribeiro Sanches visitou frequentes vezes, em Haia, a casa de D. Luís da Cunha, nosso embaixador nos Países Baixos, a quem confessou não só a sua abjuração do judaísmo e a sua reconversão ao Catolicismo mas a necessidade que tinha de salvar as suas aparências de judeu⁸⁵. Apesar desta ambiguidade religiosa, as relações de Ribeiro Sanches com D. Luís da Cunha foram bastante amistosas. A pedido deste, elaborou, em 1731, um projecto de reforma dos estudos médicos que o nosso embaixador enviará ao secretário de Estado do Governo joanino, Cardeal da Mota (projecto que, mais tarde, aproveitará para a elaboração do seu *Método de aprender e estudar a Medicina*, solicitado, em 1758, pelo governo pombalino)⁸⁶. Para além da reforma dos estudos médicos em Portugal, é possível que, também, tivessem trocado opiniões sobre o problema das relações entre o Sacerdócio e o Império, sobre os efeitos nefastos do poder temporal das ordens religiosas e da expulsão dos judeus para a economia nacional e sobre as vantagens nacionais duma política regalista⁸⁷. Ambos deixaram escritos em que abordam estes problemas e em ambos é flagrante a afinidade de pontos de vista.

Em Leide assistirá durante quase ano e meio (de Abril de 1730 até ao fim do ano lectivo de 1731)⁸⁸ – e não três, como disse Andry – às aulas de Boerhaave⁸⁹; contacto, certamente distante, pois o mestre neerlandês não recebia nunca os seus alunos. Mas enquanto esteve em Leide frequentou, também, as aulas de outros médicos, como Bernardo Albinus (Anatomia), Gaubius (Química), van Swieten (Farmácia) e, ainda, as aulas de *Física Experimental*, de Gravesande. E de tal modo considerou frutuosa a sua aprendizagem, que mais tarde dirá que aprendeu mais em dois anos, com Boerhaave e Albinus, do que aprendera nos vinte anos anteriores⁹⁰. Sobre tudo com Boerhaave. Considerava-o «o primeiro que lançou os verdadeiros fundamentos da cura das doenças tanto internas como externas»⁹¹. A sua admiração pelo ilustre médico de Leide⁹² – ainda que menos eufórica no ocaso da sua vida – pode avaliar-se pelo extracto duma carta enviada de Paris, em 31 de Julho de 1758 (tinha então 59 anos de idade) ao seu amigo Francisco de Pina e Melo: «não creio que em muitos séculos passados tenha havido génio mais superior, mais infatigável no trabalho da História

Natural, Química e Matemáticas, da Medicina, e em toda a sorte de estudo da Natureza, das Leis, e dos Costumes da Sociedade: Nunca ouvi homem mais eloquente do que ele; (...) tudo abraçou naquele vasto e compreensível engenho»⁹³; enfim, «em tudo foi assombro»⁹⁴. Por isso tão honrado se sentiu, quando Boerhaave o convidou a prestar serviço como médico do Senado e da Cidade de Moscovo, pago por sua Majestade, o Imperador da Rússia, com direito, ainda, ao livre exercício privado da medicina⁹⁵. Assinou contrato em 3 de Julho de 1731, com entrada imediata ao serviço, não sem um enorme desejo de voltar à Pátria, como manifestará, por mais de uma vez, a Pacheco Valadares, reiterando-lhe (talvez esperançado na sua mediação) que era «cristão católico romano» e cria em tudo aquilo que crê e ensina a Santa Igreja Católica romana em cuja fé e religião verdadeira prometera viver e morrer⁹⁶. É que, apesar do honroso convite de Boerhaave, prestar serviço na Rússia não era tarefa que agradasse a muitos e, de certeza, não agradava a Sanches⁹⁷. Mas não tinha alternativa.

6

Estadia na Rússia

Ribeiro Sanches chegou a Moscovo no mês de Outubro de 1731⁹⁸. E tendo-lhe sido perguntado pelas autoridades – como era da praxe – em que religião cria, respondeu que na Católica Romana, na qual fez, pois, juramento, como era obrigação⁹⁹, mantendo-se, nela – como disse em 1735 – «mui quieto no pensamento, a Deus graças e pesaroso da vida passada»¹⁰⁰. Pelo juramento, Ribeiro Sanches ficou na mesma situação jurídica que qualquer nativo – como salientou – para ascender a todos os cargos e empregos onde chegasse o seu merecimento. As diferenças de religião, na Rússia, não impediam um estrangeiro de ser um homem reputado, um cidadão ou um servidor do imperador. Nomeado «médico do senado e da cidade»¹⁰¹, a nova situação de Sanches proporcionou-lhe «não só os meios de desenvolver os seus talentos mas as mais frequentes ocasiões de exercer as suas virtudes»¹⁰²; os seus talentos, porque fazia parte do seu cargo oficial instruir os barbeiros-cirurgiões, as parteiras e os farmacêuticos (auxiliando-o, certamente, nos primeiros tempos da sua estadia na Rússia, o médico holandês Nicolau Bidloo, que fora primeiro médico de Pedro, o Grande, antes da morte deste)¹⁰³; as suas virtudes,

porque pode pôr em prática a sua generosidade e altruísmo, pois, não poucas vezes, deu aos pobres os honorários pouco antes recebidos dos ricos ¹⁰⁴. E ainda que Ribeiro Sanches não fosse mal remunerado, quinze meses depois de estar em Moscovo, já se queixava, mal resignado, ao seu amigo Pacheco Valadares, que tudo o que ganhava se esvaía nas obrigações sociais, pois a sua condição lhe impunha ter coche, cinco cavalos e quatro criados ¹⁰⁵. Isto para não falar da falta de saúde que o achacava, pois desde que chegara a Moscovo, o escorbuto – devido ao muito frio que se fazia sentir – não deixara de o molestar ¹⁰⁶. Em 1734, por mediação do primeiro médico da Imperatriz, M. Rieger, Presidente da Chancelaria da Medicina, Ribeiro Sanches é nomeado médico da mesma e, no ano seguinte (1735), médico dos exércitos. O reacender, nesse ano, da guerra entre a Rússia e a Turquia, tirou Sanches dos seus devaneios saudosistas, mobilizando-o como médico, para a campanha militar. Percorre a Ucrânia, as margens do Don e os confins de Kuban e Azoff, atravessa as regiões que ficam entre a Crimeia e Backmut; conhece os kirghiz e os tcheremissi que ficam a norte do Astrakan; recolhe informações sobre os seus modos de viver, as suas habitações e alimentação, os «banhos russos», ficando chocado com a escravidão que presenciava. Todavia, a «febre podre colérica» que o atirou para as portas da morte, no cerco da praça de Azoff, tomada em 1736 (onde foi pilhado e roubado, antes da vitória), permitiu-lhe voltar a S. Petersburgo no outono desse mesmo ano, antes da campanha terminar, sendo nomeado, pela imperatriz Ana Ivanovna, em 1737, médico do Corpo Imperial de Cadetes (uma espécie de Colégio Militar para a nobreza russa) ¹⁰⁷. É neste período que ingressa na Academia Imperial das Ciências de S. Petersburgo que, por sua mediação e graças ao seu prestígio, entra em contacto com a nossa Academia Real da História ¹⁰⁸. É também desta fase da sua vida – fase em que procura viver como «cristão católico Romano» e varrer da sua mente os argumentos heterodoxos, como diz, em Julho de 1735, ao seu amigo Pacheco Valadares ¹⁰⁹ – que conclui o seu opúsculo sobre a *Origem e denominação de cristão velho e cristão novo no reino de Portugal*. Tinha então 36 anos de idade. Seria de esperar da parte de quem tinha ouvido tinha tantas queixas do Tribunal do Santo Ofício e que tanto se irritava quando falava dele, um libelo implacável e arrasador. Assim aconteceu, mas não de modo soez. A acusação que fez ao Tribunal, repassada por uma ironia letal e esgrimindo uma argumentação que denota bem a sua experiência jurisprudencial, tinha um objectivo: justificar a abolição da distinção entre cristãos-novos e velhos; para isso,

centrou-se na ambiguidade e benevolência do Tribunal (à rebelia das leis que o tinham instituído e regiam) às quais atribuía todos os malefícios da instituição; esta fora criada para castigar os heréticos e o castigo da heresia é a morte (que a Inquisição frequentemente evitava, limitando-se ao confisco de bens e à penitência). Ora a Inquisição, castigando por «ametades», não cumpria a Lei que a determinara nem o fim para que fora criada. Na sua misericórdia colidia com a justiça. Por outro lado, se fora criada para castigar, mas não castigando e, antes, perdoadando, opunha-se às leis canónicas e civis, não agindo como um tribunal mas como um confessorário; mas neste caso, ia além das suas funções – ouvir, persuadir e perdoar – gerando, com o seu arbítrio, a multiplicação de heréticos em vez de os diminuir; não havia, pois, outra solução senão extinguir o Tribunal ou fazê-lo cumprir a Lei ¹¹⁰. Por fim, Ribeiro Sanches, dando provas de grande tolerância, apelou aos cristãos-novos, injustamente, perseguidos pelo Tribunal do Santo Ofício, que regressassem ao Catolicismo, não o fazendo, porém, sem temor da comunidade judaica, como mostra a solicitação feita, ao seu amigo Valadares, para que o opúsculo que lhe enviava não levasse o seu nome, sob pena de não ter a vida segura ou atentarem contra ela com o cheiro de qualquer carta envenenada ¹¹¹.

Mas apesar da invejável situação profissional alcançada, Ribeiro Sanches tinha saudades de Portugal, sentia-se melancólico, enfurecia-se ou chorava quando se punha a pensar nos males da pátria, na «parvoíce portuguesa» (que lhe parecia irremediável), e nos males que ela tinha feito à sua família ¹¹². Por isso, reiterando a Pacheco Valadares o seu indefectível Catolicismo romano, informava-o, na mesma carta de Julho de 1735, que estava disposto a voltar à Pátria, mesmo sabendo – como sabia – que regressava a um Reino de «preguiçosos e mendigos» que, por mera displicência, nada faziam pela agricultura, comércio e indústria, permitindo, indirectamente, que a Inglaterra e a Holanda comprassem e *vendessem* o nosso Reino quando e como queriam, com o seu dinheiro e a sua frota ¹¹³. Apesar disso, estava disposto a regressar, cumprindo o castigo de penitência ditado pelo Santo Ofício (mas não sentenciado por testemunhos com quem nunca falara nem sair em auto-de-fé), conquanto tivesse um «salvo-conduto» do Rei e com a exclusiva finalidade de desempenhar funções úteis à Pátria (estava a pensar, certamente, num cargo público) ¹¹⁴. Disponibilidade vã. Os seus desejos de regresso não têm qualquer eco nas esferas do Poder. Em contrapartida, a sua reputação científica alcança,

então, grande notoriedade na Rússia e fora dela. Corresponde-se com vários sábios da Europa, como Van Swieten, Gunz, Schreiber, Euler, Gaubius, Amman, Mairan, Kaau Boerhaave, Haller, Condoidi, Goldbach, Crusius, Sinopeus, etc.¹¹⁵; envia livros de Astronomia aos Jesuítas da China que, em contrapartida, lhe enviavam (como André Pereira, entre outros) plantas raras e informações científico-naturais. Em 3 de Março de 1740, é nomeado médico da Corte. O acerto do diagnóstico da doença (então incurável) da imperatriz Anna Ivanovna (uma pedra nos rins a que sucumbiu, meses depois, confirmada pela autópsia *post-mortem*) fez dele segundo médico (o primeiro era Fischer) da regente Anna Leopoldovna e do jovem imperador Ivan Antonovich¹¹⁶. Contudo a revolução de 1742, que pôs Elisabeth Petrovna, filha de Pedro, o Grande, no trono da Rússia, mergulhando o império em calamidades, foi para ele, o começo dum período de infelicidade e enfermidades; testemunhou a sorte deplorável da deposta regente e do jovem príncipe Ivan Antonovich, ao qual se ligara, sinceramente, por juramento de fidelidade, a que não renunciou; viu os seus amigos mais queridos nas prisões, arrastados para o exílio, vítimas de tortura e de suplício; viu-se ameaçado pelas intrigas dos seus inimigos, agora no poder. Conseguiu, no entanto, escapar aos furores da revolução, não sem sobressaltos e aborrecimentos sem fim¹¹⁷. Para atenuar as suas enfermidades, Van Swieten, aconselhava-o, em 1743, a moderar o seu hábito louvável, mas inveterado, da leitura e a utilizar o seu tempo, também, para passear e divertir-se com os amigos¹¹⁸. Mas não eram apenas os sofrimentos físicos que o apoquentavam. Também o sobressaltava a vida cortesã a que era obrigado – como confessou ao sábio naturalista francês Gmelin – que o aconselhou a conformar-se e a adaptar-se¹¹⁹. E adaptou-se. Ultrapassada a procela, a imperatriz nomeia-o, em Setembro de 1744, Conselheiro de Estado¹²⁰. Mas Ribeiro Sanches queria outra mercê: a exoneração. Porquê? Genericamente, porque estava farto de tanta intriga e sobressalto, temia pela vida. Em segundo lugar – e esta terá sido a razão decisiva – por não ter resistido ao labéu da denúncia de «judeu português» que lhe fizera um confrade despeitado, também ao serviço do governo russo – o médico irlandês Smith – que dizia tê-lo visto na sinagoga de Amsterdão, o que, aparentemente, era plausível dado que Smith estudara em Leide ao tempo em que Sanches lá esteve¹²¹; com a agravante do judaísmo não ser, então, tolerado na Rússia¹²². Posto em causa o seu Catolicismo por Smith e atormentado pelos muitos achaques de que sofria, Sanches decide abandonar a Rússia, apesar da denúncia do

seu pérfido colega não ter tido eco junto da imperatriz Elisabeth Petrovna. Contudo, esta, sensível ao pedido de exoneração de Sanches e à mediação e empenhamento do duque de Holstein (futuro Pedro III) a seu favor, despachou-o, favoravelmente, em 4 de Setembro, nomeando-o, dias depois, mais exactamente em 12 de Setembro, sócio honorário da Academia Imperial das Ciências de S. Petersburgo¹²³. No acúme da fama, Ribeiro Sanches, combalido de saúde e num contínuo sofrimento que só a ingestão regular de laxantes atenuava (como o ruibarbo da China, que foi o seu remédio favorito durante mais de 20 anos)¹²⁴ – mas num estado, ao que parece, bastante melhor do que tivera em anos imediatamente anteriores¹²⁵ – abandonou, rapidamente, a Rússia.

7

Sob as Luzes de Paris

Depois de sair de S. Petersburgo, passou a Berlim, onde teve a honra de saudar o Rei e falar-lhe de Física e História Natural, pese embora o interesse daquele na Revolução russa¹²⁶. Chegou a Paris em fins de Setembro de 1747 e aqui viverá durante 36 anos¹²⁷. Tinha, então, 48 anos de idade. Não era fácil começar vida nova numa cidade onde não tinha amigos. Na impossibilidade de voltar à pátria por receio das represálias do Santo Ofício, é «o amor das ciências» que o leva a optar por Paris, ainda que – recorde-se – colocasse nos píncaros a ciência inglesa¹²⁸. Provavelmente, a decisão de se fixar, definitivamente, em Paris terá derivado das relações amigáveis que, entretanto, constituiu na capital francesa com sábios como Falconnet, «e uma quantidade de físicos, de Gentes das Letras e de Médicos ilustres»¹²⁹ – como Buffon, D’Alembert, Diderot, Daubenton, Valart, Pluquet, Deslile, Messier, Cugnot, A. Petit, Lorry, Macmahon, etc. Em Paris, entregar-se-á ao culto da ciências e da profissão, vivendo como um verdadeiro Filósofo, convivendo com compatriotas, com russos e sábios, dando consultas e atendendo, carinhosamente, os pobres que ajudava com uma generosidade incontida e irreprimível que o seu património, dificilmente, comportava¹³⁰. A ele se deve a introdução, em França, do uso das flores-de-zinco, da tintura de cantáridas, da raiz de colombo e da raiz-de-jão-lobes-pinheiro. Primeiro experimentava, em si, os efeitos dos medicamentos e só depois os recomendava aos amigos.

Entretanto, a imperatriz Elisabeth Petrovna (irredutível inimiga dos judeus), manipulada pelas intrigas dos inimigos de Ribeiro Sanches – que para além de Smith parece que incluíam, também, Kaa Boerhaave (sobrinho de Herman Boerhaave) – ordenou, em 26 de Novembro de 1748, que fosse excluído da Academia Imperial das Ciências de S. Petersburgo e lhe fosse retirada a pensão que recebia ¹³¹. A suspensão, que o consternou e acentuou a sua tendência hipocondríaca, levando Van Swieten a adverti-lo, algum tempo depois, para os perigos da misantropia em que podia cair ¹³² – foi-lhe comunicada pelo presidente da Academia, conde Cirilo Razumovskij (seu amigo), em Janeiro de 1749, mas sem lhe dizer a causa da exclusão, pedindo-lhe, simultaneamente, que devolvesse o diploma de académico a Gross, Enviado russo, em Paris ¹³³. Sanches executou as ordens dadas: restituiu o diploma e tudo leva a crer que terá feito saber ao nosso embaixador em Paris, D. Luís da Cunha, a sua surpresa pela decisão tomada; por sua vez, D. Luís da Cunha terá, provavelmente, feito chegar a Gross, uma cópia da carta do Conde Cirilo e um *memorandum* para o governo russo, abonatório do nosso médico e pedindo uma explicação; explicação que veio a ser dada pelo Chanceler Bestuzev ao embaixador português, em carta de Abril de 1749, onde o informava que a pensão fora suspensa pela Imperatriz por esta não aceitar na sua Academia quem não fosse bom cristão; e Sanches não o era, porque era judeu ¹³⁴.

Mas se a suspensão da pensão não era grave do ponto de vista financeiro, já a confiscação do diploma de Académico russo afectava o seu prestígio de médico. Por isso a decisão da imperatriz, rapidamente, se repercutiu na comunidade científica europeia, como no-lo mostra a carta que escreveu, a Ribeiro Sanches, o naturalista francês J. G. Gmelin, endereçada de Tübingen, em 15 de Outubro de 1749 ¹³⁵. Singular e infeliz situação a de Ribeiro Sanches – como comenta Maximiano Lemos – que receando ser vítima de uma retaliação da comunidade judaica (como o envenenamento!) por dela se ter afastado, acabou por ser vítima, sim, mas do seu alegado judaísmo ¹³⁶. Mas as eventuais privações materiais desta suspensão não o impediram de trabalhar com afã no interesse da ciência: mantém uma vasta correspondência científica com colegas da clínica de Boerhaave – como Pringle, Gaubius e Van der Monde além de outros já antes nomeados – e outros homens eminentes, como Fothergill, Roderic de Paiva (médico em Roma), além de alguns portugueses, como Teodoro de Almeida, Francisco

de Pina e Melo, Manuel Joaquim Henriques de Paiva (ainda seu parente e médico em Coimbra) e um médico que partirá de Lisboa para Paris, em 1758, de nome J. Álvares da Silva¹³⁷. Sabemos, também, pelo *Journal* de Sanches, que este, entre 1768 e a sua morte, manteve intensa troca epistolar com o Secretário da Academia Portuguesa de História, Gonçalo Xavier de Alcáçova, ao qual remeteu vários livros e «pequenos tratados sobre questões políticas e económicas»¹³⁸. Desta época parisiense é, ainda, a sua correspondência com Sachetti Barbosa (a quem se deverá, em grande parte, a reforma pombalina dos estudos médicos conforme aparece nos *Estatutos* de 1772) e as suas relações com o físico João Jacinto Magalhães, já residente, em Paris, em 1760 (para onde deve ter ido entre 1756-58), e que em 1764 (por conselho ou, pelo menos, com o auxílio de Sanches) irá para Inglaterra, estabelecendo-se entre ambos «uma sólida amizade que a morte não logrou dissolver»¹³⁹. Também, entre 1750 e 1761, Ribeiro Sanches terá a companhia frequente de José Joaquim Soares de Barros, que então viveu em Paris, a expensas do Governo português, para estudar as ciências físicas e matemáticas e que ainda se corresponderá com o nosso médico, em 1771, já muito depois do seu regresso furtivo a Portugal em Julho de 1761¹⁴⁰; deste período é, também, o seu relacionamento com Charles-Louis-François Andry (1741-1829). A par deste intensa correspondência epistolar e deste intenso relacionamento pessoal, mantém uma intensa actividade de escritor sobre os temas mais variados: medicina, economia, religião, agricultura, educação, etc. Escreve uma *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (Paris, 1752), que o celebrizará, já antes anonimamente publicada em língua inglesa (em 1751) e, depois, sucessivamente reeditada em língua francesa. Em 1753, escreve a *Dissertação sobre as paixões d'alma* (1753) que, mais tarde será publicada na *Encyclopédie méthodique* do livreiro Panckoucke. Alguns anos depois publica o *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756), concluído no ano anterior, para o qual pede o apoio financeiro de Diogo de Mendonça Corte Real, usando a mediação e os bons ofícios de Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda (representante de Portugal em Paris, depois da morte de D. Luís da Cunha, em 9 de Outubro de 1749)¹⁴¹. Pedido vão, porque o livro, aparecido no ano seguinte, é dedicado ao duque de Lafões. É deste período que temos o retrato mais exacto de Ribeiro Sanches. Andry descreve-o como um cavalheiro de «estatuta medíocre», olhos pequenos e vivazes, um leve sorriso, mais indulgente que severo, simples no vestuário e no mobiliário da sua casa, celibatário por

amor da liberdade (e não por indiferença para com as mulheres), conversador animado e vivaz, mas doce, avesso a disputas mas capaz de sustentar uma discussão¹⁴². Mas este amor da ciência e do saber não iludia – e menos, ainda, apagava – o amor da Pátria. Por amor e utilidade dela – como disse, em 1757, a D. Luís da Cunha (sobrinho do tio homónimo, que fora embaixador em Paris e falecera em 1749) – continuava a escrever, ainda que penosamente e nem sempre com discernimento, devido aos muitos achaques de que sofria – como confessará a Francisco de Pina e de Melo¹⁴³ – tencionando compor um livro de «Educação Política em Geral» para o Reino e um outro sobre o ensino, aprendizagem e governo da Medicina, para cuja composição, contudo, pedia ao monarca português, um subsídio¹⁴⁴. No ano seguinte, mais exactamente, em 26 de Junho de 1758 – em conformidade com as ordens de Sua Majestade, o Rei de Portugal que, para o efeito o consultara – Ribeiro Sanches enviava a Monsenhor Pedro de Salema, ministro de Portugal na corte francesa, «o método para introduzir-se a Medicina em Portugal fundada na verdadeira Física»¹⁴⁵. Trabalho que Salema enviou para Portugal, em 3 de Julho desse mesmo ano, deixando Ribeiro Sanches, para mais tarde – como disse – a exposição de *modo* como *devia ser* governada a Escola Geral de Medicina a criar, *como se* havia de aprender e ensinar nela a Medicina e *como haviam* de ser os exames e os graus nela ministrados¹⁴⁶. Voluntarismo reformista que não deixa de ser surpreendente num homem que, por esta altura, confessava a Francisco de Pina e de Melo que os médicos portugueses eram «uma espécie de homens que vivem mais por imitação *et balanatum more* do que os vilões da (sua) terra, muito mais autómatos do que os de Trás-os-Montes», ou seja, gente que, instalada numa rotina clínica da experiência feita, dificilmente se dispunha a mudar, sendo mais útil escrever um Catecismo de doutrina cristã para mouros do que escrever para eles¹⁴⁷. Rotina agravada pelas «três fortalezas inexpugnáveis» que, segundo ele, mantinham o Governo do Reino de Portugal refém da obediência cega e aviltante, da ignorância (causa do ócio) e da superstição (causa da corrupção dos costumes e da ruína das virtudes morais), a saber: a Inquisição, a Universidade e os frades¹⁴⁸. Apesar deste cepticismo e da sua convicção de que as suas propostas reformistas nunca sairiam dos gabinetes ministeriais, Ribeiro Sanches não foi defraudado quanto ao pagamento dos seus serviços. Como compensação por estes, o Governo do Reino atribuiu-lhe uma pensão anual de 360\$000, que começou a ser paga em 1759. E como prometera, Ribeiro

Sanches continuou a trabalhar na reforma dos estudos médicos, mas doravante em colaboração com um facultativo, retógrado e avesso ao «estrangeiramento» do nosso ensino médico que lhe foi imposto pela Casa Real – Joaquim Pedro de Abreu (um «medicastro de Lisboa», como lhe chamou um correspondente de Sanches)¹⁴⁹. Entretanto, enquanto trabalhava no seu *Método de aprender e estudar a Medicina* (que concluirá em 1761) publica as *Cartas sobre a educação da Mocidade* (1760), que serão objecto de elogiosas referências de Monsenhor Salema, ao Director-Geral de Estudos, o principal Almeida, em ofício de 7 de janeiro de 1760, no qual o informa que essa obra, que tão útil podia ser para a educação e instrução da mocidade portuguesa, era o resultado escrito de pontos de vista que, desde há muito, Sanches lhe expusera em várias conversações que haviam tido¹⁵⁰. Também nestas *Cartas* são referidos, encomiasticamente, os *Apontamentos sobre a Educação de um Menino Nobre*, de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, considerados, por Sanches, os melhores para a educação particular duma criança, entre todos os que conhecia¹⁵¹. Mas a influência de Martinho de Mendonça sobre Ribeiro Sanches vai mais longe: o projecto por ele elaborado para o Colégio dos Nobres é, segundo Ferreira Gomes, «sensivelmente igual ao que Mendonça escreveu para a educação doméstica de um menino nobre»¹⁵².

Mas esta euforia criativa deparou, também, com alguns reveses. A amizade de Sanches para com Soares de Barros (que Monsenhor Salema hostilizava) e algumas opiniões de Sanches que o nosso enviado em Paris não compartilhava – como as expendidas na carta que lhe enviou em 28 de Maio de 1760, com o título *Missionários aos países alheios*, onde defende a tolerância religiosa¹⁵³ – levam à suspensão (em fins de 1761), da pensão régia que lhe fora concedida em 1759. Preocupado terá ficado, mas resignado também. Ribeiro Sanches parecia já não se surpreender com nada. Parecia instalado num estado de metódico cepticismo e de estoica ataraxia. Disso mesmo nos podemos dar conta nas reflexões que lhe suscitam uma carta de Bolingbroke a Pope. Na opinião de Ribeiro Sanches, no «navio da vida civil» onde somos marinheiros, «não é do nosso ofício dar conselhos ao piloto»; pensemos apenas em fazer a viagem em paz, lá metidos debaixo da coberta, pensemos em continuar em paz o resto da viagem. Se, entretanto, nos dermos conta de alguma anomalia – como uma fenda no casco ou um olho de boi que ameaça tormenta – e tivermos oportunidade de o dizer ao capitão do navio, façamo-lo, porque a obrigação

assim no-lo exige; «mas insistir e mandar remediá-los, não nos pertence; devemos ver, obedecer e calar; porque somos naquele Navio apenas para obedecer e servir se nos mandam. Neste universal círculo do Universo, cada qual tem o seu posto: feliz aquele que entende o seu estado se cumprir as obrigações dele»¹⁵⁴. Resignado, portanto, com as injustiças. Tudo o que podíamos e devíamos fazer era avisar quem manda no «navio civil» onde estamos. E nada mais. Esta filosofia de vida leva-me a crer que a regularização das suas relações com a Rússia, após a morte de Elisabeth Petrovna, em 25 de Dezembro de 1761, não se devem à sua iniciativa, mas à dos seus amigos russos, como o conde Cirilo, que logo em 1 de Janeiro de 1762, já sob o reinado de Pedro III, envia uma memória à Academia de S. Petersburgo, pedindo o restabelecimento dos direitos de Ribeiro Sanches, invocando a seu favor a falsidade da acusação de judaísmo de que fora vítima por cabala de confrades inimigos, a sua provada e reconhecida inocência, os serviços que prestara e continuava a prestar à Rússia, a partir de Paris¹⁵⁵. Tentativa que, embora malograda, mostra-nos que os amigos russos de Ribeiro Sanches estavam atentos e não deixariam passar uma oportunidade favorável para que lhe fosse feita justiça. E essa oportunidade surgiu com Catarina II, que ascendeu ao trono em 29 de Junho de 1762. Por lembrança do general Ivan Beckoj (favorito da rainha que dirigia, então, o Corpo Imperial de Cadetes e zeloso protector de Sanches¹⁵⁶) e porque o médico português salvara a vida da imperatriz, em 1744, esta, em 12 de Novembro de 1762, devolve-lhe os seus direitos como membro honorário da Academia e como pensionista régio¹⁵⁷. Com a recuperação da condição de pensionista vitalício da Corte russa, cujo montante ascendia a 1000 rublos anuais, Ribeiro Sanches passou a viver com mais desafogo. A interrupção da pensão imperial não pusera, contudo, em causa, a continuidade das suas relações com os amigos que deixara na Rússia. Mas é interessante assinalar que é depois do restabelecimento dos seus direitos de sócio honorário da Academia Imperial das Ciências de S. Petersburgo e da sua pensão, que retoma os seus estudos sobre a Rússia, acerca da qual escreve, entre 1764 e 1767, vários trabalhos atinentes à educação, política, economia e saúde pública. O reatamento das relações oficiais russas com Ribeiro Sanches foi, pois, mais do que um mero reatamento formal e reforço de relações pessoais de amizade. É neste contexto do seu redobrado interesse pelos problemas russos, que o general Beckoj, que sempre o admirou e protegeu, o aconselha a enviar para a Rússia o seu tratado manuscrito «Sobre os banhos de vapor

russos...» (1791); obra que será traduzida em várias línguas europeias, além do russo, e foi considerada, por Gruzenberg, em 1898, «a primeira investigação extremamente minuciosa e universal sobre os efeitos dos banhos, (...) obra clássica da literatura médica do mundo inteiro e (...), no seu género, uma obra insubstituível»¹⁵⁸.

Pouco depois deste reatamento das suas relações oficiais com a corte russa, Ribeiro Sanches encontrará em Paris, uma das suas maiores e mais fiéis amizades – a do diplomata D. Vicente de Sousa Coutinho, ministro plenipotenciário de Portugal, em Paris, desde Fevereiro de 1763 – com que mostrou ter grandes afinidades ideológicas na abominação comum do contratualismo de Rousseau (cujo *Emílio*, Ribeiro Sanches considerará, em Fevereiro de 1763, «um livro impraticável, cheio de paradoxos, contrário à constituição do Estado Civil e que subverte todas as leis fundamentais»¹⁵⁹), na crítica ao poder temporal das ordens religiosas, na defesa comum do regalismo e do absolutismo esclarecido, enfim, na admiração comum pelo marquês de Pombal. São estas afinidades com Ribeiro Sanches, por um lado, e a admiração que lhe dedica, por outro, que levam D. Vicente de Sousa Coutinho, em carta de 13 de Fevereiro de 1769, enviada a D. Luís da Cunha (sobrinho homónimo do embaixador falecido em 1749), a solicitar-lhe a sua influência junto do monarca português para que a pensão régia, atribuída a Sanches e retirada em 1761, fosse restabelecida. A favor de Sanches, D. Vicente de Sousa Coutinho invocava a protecção que o falecido embaixador D. Luís da Cunha sempre lhe concedera, o seu inexcusável patriotismo, a sua «mais ilimitada obediência» enquanto súbdito, a sua generosidade e, enfim, a sua reconhecida competência científica (de que era exemplo a sua proposta reformadora da Medicina em Portugal, compaginável com o que de melhor se pensava e fazia na Europa, em nada ferindo os nossos costumes) e o seu elevado prestígio na comunidade médica internacional¹⁶⁰. Os bons ofícios de D. Vicente de Sousa Coutinho e o empenhamento de D. Luís da Cunha junto da corte portuguesa acabaram por surtir efeito e Ribeiro Sanches pode retomar a pensão, a partir de Setembro 1769, e receber, ainda, do erário português, os custos da impressão do seu livro sobre o *Método para aprender e estudar a Medicina*¹⁶¹. Animado por esta decisão e com o apoio de D. Vicente de Sousa Coutinho, Sanches toma a iniciativa de solicitar a D. Luís da Cunha o pagamento das tenças não pagas desde Julho de 1761 a 1769. Debalde. Apesar desta recusa, a gratidão de Ribeiro Sanches ao conde de Oeiras foi tão

grande que lhe prometeu, que enquanto conservasse o mínimo alento, teria como «uma lei inviolável», obedecer e venerar o ministro josefino¹⁶². Admiração que, aparentemente, não era extensiva à Pátria, pois num desabafo epistolar, enviado de Paris, a um amigo português dizia: «é para o sr. D. Vicente (de Sousa Coutinho) que é todo o meu Portugal hoje, que pela Serra da Estrela, por Penamacor e os Tourões, afirmo-lhe que não levantava a pena do chão»¹⁶³. Mas esta precedência das pessoas sobre a pátria era mais aparente que real. Recordemos, por exemplo, a encomenda de livros da História de Portugal, feita ao seu amigo Pacheco Valadares¹⁶⁴. Recordemos a hipótese, que põe a este, de regressar a Portugal, imediatamente após ter abandonado a Rússia; lembremos os muitos trabalhos que escreveu com vista a contribuir para o fomento dos melhoramentos materiais em Portugal, para a educação elementar e reforma do nosso ensino superior, para a educação mais adequada à nobreza, para a reforma económico-política da pátria, com especial incidência na questão dos bens de «mão-morta» na posse das ordens monásticas. Estes exemplos bastam para nos mostrar que Ribeiro Sanches punha, muito acima das pessoas, a sua pátria – aquela pátria que o marginalizara. Todavia, as suas vivências de andarilho pela Europa, por um lado, e a sua imensa cultura, por outro (cultura que estava longe de se confinar à Medicina, como nos mostra o inventário da sua biblioteca, publicado por Vicq d'Azyr) fizeram dele, também, um europeu cosmopolita, um intelectual ilustrado, muito próximo dos Enciclopedistas. Afinidades que estão, certamente, na origem do convite que lhe é feito para colaborar na *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, nos princípios do anos 70 (com o artigo «maladie vénérienne inflammatoire chronique»). Já não era novo. Estava cada vez mais achacado e hipocondríaco; e cada vez se refugiava mais na escrita; não por sede de imortalidade, mas apenas – como era apanágio da sua estoíca sabedoria que tantos apreciavam – «para passar o tempo, tendo em vista a própria utilidade»¹⁶⁵. É este sentido agudo do bem público que o leva a assinalar, com satisfação, no seu *Journal*, a publicação do *Compêndio Histórico* e do relatório da Junta de Providência Literária¹⁶⁶, embora lamentando que a reforma pombalina desse escassa guarida às suas ideias, em prol das do seu colega e amigo Sachetti Barbosa (que comenta azeda e injustamente), cujo nome desaparece do seu diário¹⁶⁷. Também lhe merecerão encomiásticas palavras a abolição, em 1773, da distinção entre cristãos-velhos e novos, aproveitando a ocasião para criticar «a fúria infernal» do Santo Ofício e defender a morte pelo fogo dos Inquisidores rebeldes à Igreja

Católica¹⁶⁸. Sanha compreensível, mas pouco compatível com aquele humanitarismo e caridade cristã de que dera mostras na sua obra sobre a *Origem e denominação de cristão velho e cristão novo no reino de Portugal*. Este azedume e impaciência parecem não ter sido sequer atenuados pelas reformas pombalinas (e todas parecem ter tido o seu aplauso). Efectivamente, em 1777, no seu trabalho sobre as «Dificuldades de um reino velho para emendar-se», Portugal é rotulado como um reino *cadaveroso*, imerso na ignorância e no fanatismo. Simultaneamente, a comunidade científica cumula-o de honras: é nomeado membro da Academia Real de Lisboa e Sócio Estrangeiro da Sociedade Real de Medicina, de Paris¹⁶⁹; não há russo ou português que venha a Paris que não o visite, «não apenas como um médico célebre, mas como um homem raro, como um homem versado em todas as ciências: mesmo na política mais profunda e, sobretudo, como um homem virtuoso»¹⁷⁰. Entre essas ilustres visitas ao nosso médico é justo salientar a do Grão-Duque Paulo e da sua esposa (sob os nomes de conde e condessa do Norte), em Maio de 1782. Este jovem príncipe – futuro imperador da Rússia – ouvira falar do Médico Português (assim era conhecido na Rússia) e quisera conhecê-lo. Sanches, que estivera gravemente doente em 1780 e mal recobrado da sua precária saúde, deslocou-se à presença do príncipe. Lembraram o passado. Aos sinais de afeição do Grão-Duque respondeu, emocionado, com uma torrente de lágrimas. Foi a última vez que saiu de casa. Mas não a última das visitas que teve – como crê Andry¹⁷¹. O último amigo que recebeu foi D. Vicente de Sousa Coutinho¹⁷², que já em 1780 – quando Sanches esteve gravemente doente – fazia saber, preocupado, a Aires de Sá, em carta de 25 de Outubro, quanto perderia a «República literária e o comércio das pessoas virtuosas», com a morte do nosso ilustre médico¹⁷³. Infelizmente, as suas preocupações em breve se confirmaram. Ribeiro Sanches pouco mais tempo sobreviveu à doença de 1780. Em 15 de Setembro de 1783, será acometido por uma febre contínua, vindo a falecer em 14 de Outubro com 84 anos de idade. A Sociedade Real de Medicina de Paris, reunida em sessão extraordinária, em 2 de Março de 1784, prestou-lhe uma homenagem pública, tendo o elogio fúnebre ficado ao cuidado do seu Secretário Perpétuo, Vicq d'Azyr, que, com base no «Précis historique» de Andry e em alguns dados mais, fornecidos por Álvares da Silva e Marçal Sanches, traçou o perfil e a grandeza do homem de ciência e de carácter que foi Ribeiro Sanches. Grandeza bem patente naquela carta de D. Vicente de Sousa Coutinho, ao governo português, de 17 de Novembro de 1783, onde,

ao dar notícias sobre os mais importantes acontecimentos ocorridos nas últimas semanas em França, informava terem falecido «os dois matemáticos mais célebres deste mundo» – D’Alembert e Euler – e, também, o nosso dr. Ribeiro Sanches¹⁷⁴; grandeza de carácter bem patente na legenda do brasão que lhe fora concedido na Corte russa: «Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo».

Notas

¹ *Apud* Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches / A sua vida e a sua obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1911, p. 311. Doravante citaremos esta obra pela sigla *RS/VO*.

² *Apud* *RS/VO*, pp. 316-17. Veja-se, também, de António Rosa Mendes, *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal / Intelectuais e Poder no Absolutismo Esclarecido*, Patrimonia (Associação de projectos culturais e formação artística), Cascais, 1998, p. 33. Esta obra, que doravante citaremos pela sigla *ARM/RSeMP*, inclui a mais recente biografia de Ribeiro Sanches, pelo que sempre que julgarmos útil remeteremos para ela.

³ Maximiano Lemos, «Cartas de Ribeiro Sanches ao dr. Pacheco Valadares», in *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, nova série, 2.º ano, n.º 4, 10 de Agosto de 1911, p. 111. Doravante referir-nos-emos a estes Arquivos pela sigla *AHMP*. Sobre este correspondente de Ribeiro Sanches – Manuel Pacheco de Sampaio Valadares – veja-se *RS/VO*, pp. 58-59.

⁴ Ribeiro Sanches, *Christãos Novos e Christãos Velhos em Portugal (1748)*, ed. publ. e prefaciada por Raul Rego, Porto, Livraria Paisagem, 1973, pp. 40-41.

⁵ Mesmo já universitário, Ribeiro Sanches confessa que quando ia à Guarda, onde era conhecido por cristão-novo, se envergonhava de ir à Sé ouvir missa, embora se confessasse e comungasse sem sacrilégio (veja-se a carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 93).

⁶ C.-L.-F. Andry, *Précis historique sur la vie de M. Sanchès (1783)*, in António Nunes Ribeiro Sanches, *Obras*, vol. II. Coimbra, Por Ordem da Universidade de Coimbra, 1966, p. 18.

⁷ Ribeiro Sanches, *Algumas causas da perda da agricultura de Portugal depois do ano de 1640 (1777)*, *apud* *RS/VO*, p. 3.

⁸ Veja-se C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 4.

⁹ Carta de Ribeiro Sanches ao dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 92.

¹⁰ Diogo Barbosa Machado, «António Nunes Ribeiro Sanches», *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, Coimbra, Atlântida Editora, M.CM.LXVII, p. 56 e Carta de Ribeiro Sanches ao dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 92.

¹¹ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 92.

¹² *Ibidem*, pp. 92-93.

¹³ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 20.

¹⁴ *ibidem*, p. 8

¹⁵ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, in *Ribeiro Sanches e Soares de Barros / Novos elementos para as biografias destes académicos* (...). Prefácio, introdução e notas de António Ferrão, Lisboa, 1936, p. 47. Esta hipótese de encontro entre Ribeiro Sanches e Martinho Nobre de Melo não é refutada pela cronologia, dado que Martinho de Mendonça só sairá da Guarda, em 1715 (veja-se Joaquim Ferreira Gomes, *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica / Com a edição crítica dos Apontamentos para a Educação de hum Menino Nobre*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1964, pp. 20-21. Já em carta a Pacheco Valadares, de 20 de Março de 1735, Ribeiro Sanches afirmava que o conhecia (in *AHMP*, n.º 2, 10 de Abril de 1912, p. 43) e, segundo Barbosa Machado, Ribeiro Sanches terá enviado, até, a Martinho de Mendonça, uma memória (cujo paradeiro se desconhece) intitulada *Educação de meninos pertencente à conservação da saúde* (apud Maximiano Lemos, «Cartas de Ribeiro Sanches ao dr. Pacheco Valadares», in *AHMP*, n.º 2, 10 de Abril de 1912, p. 43, nota 2).

¹⁶ Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, pp. 23-24.

¹⁷ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, in *op. cit.*, p. 47.

¹⁸ Sobre esta controvérsia veja-se *ARM/RSeMP*, pp. 38-39.

¹⁹ Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 62.

²⁰ *Ibidem*, p. 93 e Diogo Barbosa Machado, «António Nunes Ribeiro Sanches», *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, Coimbra, Atlântida Editora, M.CM.LXVII, p. 56.

²¹ In ms. n.º 12713, f. 79, da Biblioteca Nacional Austríaca (Viena).

²² *Apud* Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 51.

²³ Maximiano Correia, «A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches», *Imprensa Médica* (Lisboa), ano XXV, n.º 1, 1961, pp. 19-20.

²⁴ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 93.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Veja-se carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e Melo, de 31 de Julho de 1758 (*in op. cit.*, p. 39) e a sua resposta à carta de Diogo Barbosa Machado, de 22 de Fevereiro de 1757 (*apud* Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 44).

²⁷ Veja-se a resposta de Ribeiro Sanches à carta de Diogo Barbosa Machado, de 22 de Fevereiro de 1757 (*apud* Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 44).

²⁸ *Apud* RS/VO, pp. 31-32 e 322 e carta de Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 94.

²⁹ Ribeiro Sanches, *Dissertação sobre as paixões d'alma*, ms. da Biblioteca da Escola de Medicina de Paris, III vol. p. 159, *apud* RS/VO, p. 12 e Maximiano Correia, «A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches», *Imprensa Médica* (Lisboa), ano XXV, n.º 1, 1961, p. 18.

³⁰ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, pp. 60-61.

³¹ *Ibidem*.

³² Carta de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, p. 134 e Maximiano Correia, «A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches», *Imprensa Médica* (Lisboa), ano XXV, n.º 1, 1961, p. 20.

³³ Maximiano Correia, «A propósito de uma carta endereçada a Ribeiro Sanches», *Imprensa Médica* (Lisboa), ano XXV, n.º 1, 1961, p. 21.

³⁴ Carta de 15 de Julho de 1735 ao Dr. Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, pp. 133-39.

³⁵ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in *AHMP*, n.º 3, 10 de Junho de 1912, p.78.

³⁶ *RS/VO*, pp. 322-23. Veja-se também a Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 93.

³⁷ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 5.

³⁸ *RS/VO*, p. 51. Este tio de Ribeiro Sanches era natural de Idanha-a-Nova, cristão-novo e – com manifesto exagero de Andry – «célebre médico em Lisboa» (Andry, *op. cit.*, p. 5). Preso pela Inquisição e acusado de judaísmo, em 28 de Agosto de 1703 (tinha, então, 35 anos de idade), saiu em auto-de-fé, em de 19 de Outubro de 1704, a «abjurar os erros, com cárcere e hábito penitencial perpétuo» (*RS/VO*, pp. 35-36 e 325 e 328. Veja-se também, a este propósito, a carta de Ribeiro Sanches, de 15 de Julho de 1735, a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 93). Conivente, em 1725, na fuga de um cristão-novo e face ao avolumar de suspeitas que o poderiam incriminar de novo, emigrou, com a família, para Inglaterra, em 1727, onde passou a praticar abertamente o judaísmo. Isso mesmo o confirma Diogo Nunes, à Inquisição de Lisboa, em 7 de Outubro de 1729, a quem informa que, havia cerca de dois anos, estivera, em Londres, em casa do seu primo, o médico Diogo Nunes Ribeiro (tio de Ribeiro Sanches) e que nessa cidade o vira observar e professar, abertamente, a lei de Moisés, frequentando a sinagoga (*apud RS/VO*, pp. 332-34).

³⁹ Carta de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 94.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *RS/VO*, pp. 51-52.

⁴³ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 93.

⁴⁵ *Apud ibidem*, p. 323.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 95.

⁴⁷ *RS/VO*, p. 32 e *Idem*, *Historia da Medicina em Portugal / Doutrinas e Instituições*, vol. II (1899), Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, p. 98. Ver de Ribeiro Sanches, «Affections de l'âme. Pathologie», trad. do português, por M. Andry (segundo um manuscrito de António Nunes Ribeiro Sanches), in *Encyclopédie Méthodique I. Médecine. / Par une Société de Médecins. Mise en ordre & publiée par M. Vicq d'Azyr, etc.*, A Paris, Chez Panckoucke, Libraire, ... M.DCC.LXXXVII, p. 264.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ Ribeiro Sanches, *Peculio de varias receitas para diversas queixas*, ms. existente na

Biblioteca Nacional de Lisboa, fol. 97 v. e fol. 107, *apud RS/VO*, p. 54 e resposta de Ribeiro Sanches à carta de Diogo Barbosa Machado, de 22 de Fevereiro de 1757, *apud* Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 44.

⁵⁰ *RS/VO*, pp. 53-54. Esta hipótese parece, indirectamente, confirmada pelo seguinte testemunho de Sanches: «Suponhamos este estudante já formado em medicina, que chega à sua terra, onde há partido da Câmara, de que goza hum XN [cristão-novo] Médico: neste caso o novo médico se tirar as Inquirições de limpeza de sangue, alcançará o partido que pretende; e o Médico que não pode tirar Inquirições limpas fica rejeitado dele, ainda que servisse a dita Câmara por quarenta anos» (*in* *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, pp. 139-40). Veja-se, ainda, a este propósito, as judiciosas observações de *ARM/RS&MP*, pp. 41-42.

⁵¹ Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 95.

⁵² Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 52

⁵³ Veja-se a Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 95.

⁵⁴ *Apud RS/VO*, p. 323.

⁵⁵ *Ibidem*, pp. 67-68 e *idem*, Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal / Doutrinas e Instituições*, vol. II (1899), Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, p. 99.

⁵⁶ Diogo Barbosa Machado, «António Nunes Ribeiro Sanches», *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, Coimbra, Atlântida Editora, M.CM.LXVII, p. 56 e Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 95.

⁵⁷ A. Ferrão, *op. cit.*, p. 14. Não é a essa a opinião de M. Lemos para quem o expatriamento de Sanches se deve ao receio da Inquisição, opinião que David Willemse, não compartilha, considerando-o, ainda, um enigma (*in* *António Nunes Ribeiro Sanches – Élève de Boerhaave – et son importance pour la Russie*, Leiden, E. J. Brill, 1966, 15-16).

⁵⁸ *Apud RS/VO*, p. 332-34.

⁵⁹ Maximiano Lemos, «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», in *Archivos da Historia da Medicina Portuguesa*, vol. II, n.º 4, 10 de Agosto de 1911, p. 117.

⁶⁰ Veja-se a Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 95.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² *Ibidem*, pp. 95-96.

⁶³ *Apud* Maximiano Lemos, «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», in *Archivos da Historia da Medicina Portuguesa*, vol. III, n.º2, 10 de Abril de 1912, p. 47.

⁶⁴ Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 96.

⁶⁵ Diogo Barbosa Machado, «Antonio Nunes Ribeiro Sanches», *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, Coimbra, Atlântida Editora, M.CM.LXVII, p. 57

⁶⁶ *Apud RS/VO*, p. 75

⁶⁷ Ribeiro Sanches, *Método para aprender e estudar a Medicina*, pp.43, 59, 62, 96 e 97; Maximiano de Lemos, *RS/VO*, pp. 77-78.

⁶⁸ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 6 e *idem*, *Pecúlio de várias receitas*, fl. 92, *apud RS/VO*, p. 81. Sobre Bertrand, veja-se *RS/VO*, pp. 80-81.

⁶⁹ A. N. Ribeiro Sanches, *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (Leide, 1778), *apud RS/VO*, p. 81 e Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal / Doutrinas e Instituições*, vol. II (1899), Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, p. 99.

⁷⁰ Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 96. Sabe-se pouco deste irmão de Sanches, mais novo 14 anos do que ele, de seu nome Manuel Nunes Sanches ou Manuel Marçal Sanches e que Ribeiro Sanches levou para Londres em 1726. Depois de estudar Cirurgia em Paris e se doutorar, em Leide, em 1738, Ribeiro Sanches procurou, junto de Van Swieten, a sua colocação na corte austríaca. Depois de várias tentativas malogradas, decepcionado com o amigo e antigo condiscípulo do seu irmão, Marçal Sanches acabou por se instalar em Nápoles, donde escreveu, frequentemente, ao seu irmão, revelando, nessa correspondência, uma invulgar cultura e erudição. Sobre ele, veja-se Maximiano Lemos («Amigos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 153-163).

⁷¹ *RS/VO*, p. 82.

⁷² Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 96.

⁷³ *Ibidem*, p. 119.

⁷⁴ *RS/VO*, p. 83.

⁷⁵ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 119.

⁷⁶ *Ibidem*, p.120 e carta do Cardeal da Mota, a D. Luís da Cunha, de 6 de Julho de 1730, *apud*

José S. da Silva Dias, «Portugal e a Cultura Europeia – sécs. XVI a XVIII», in *Biblos*, 28, 1952, p. 477.

⁷⁷ Carta do Cardeal da Mota ao embaixador D. Luís da Cunha, de 2 de Agosto de 1730 *apud* José S. da Silva Dias, *art. cit.*, p. 372.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ Carta de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 119-120; e *RS/VO*, p. 84.

⁸⁰ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 7.

⁸¹ David Willemse, *op. cit.*, p. 64.

⁸² Ribeiro Sanches, «método para introduzir a Medicina em Portugal, fundada na verdadeira Física...» (26 de Junho de 1758), in *Archivos da Medicina Portuguesa*(Porto), vol. VI, 1896, p. 55 e *RS/VO*, p. 85.

⁸³ Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 120.

⁸⁴ *Ibidem* e *RS/VO*, p. 85.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ Idem, «método para introduzir a Medicina em Portugal, fundada na verdadeira Física...» (26 de Junho de 1758), in *Archivos da Medicina Portuguesa* (Porto), vol. VI, 1896, p. 51; e Carta de Ribeiro Sanches a D. Gaspar de Saldanha e Albuquerque, reitor da Universidade de Coimbra, de 21 de Julho de 1750, *apud* Maximiano de Lemos, *Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches existentes na Biblioteca Nacional de Madrid*, Porto, Tipografia Enciclopédica Portuguesa, 1913, p. 47. Este projecto, anotado, enviá-lo-á, também, a Pacheco Valadares (in Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 125. Veja-se, também, a este propósito, *ARM/RSeMP*, pp. 45-47.

⁸⁷ Sobre as relações entre Ribeiro Sanches e D. Luís da Cunha, veja-se *ARM/RSeMP*, pp. 44-48.

⁸⁸ Carta de Ribeiro Sanches a Jacob de Castro Sarmiento, de 11 de Novembro de 1752, *apud* *RS/VO*, p. 337 e Andry, *op. cit.*, p. 6.

⁸⁹ Carta de Ribeiro Sanches a Soares de Barros de 31 de Julho de 1758, in *Ribeiro Sanches e Soares de Barros / Novos elementos para as biografias destes académicos (...)*. Prefácio, introdução e notas de António Ferrão, Lisboa, 1936, p. 40 e Diogo Barbosa Machado, «António Ribeiro Sanches», in *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, Coimbra, Atlântica Editora, M.CM.LXVII, p. 57.

- ⁹⁰ Carta de Ribeiro Sanches a a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 62.
- ⁹¹ Ribeiro Sanches, *Observations sur les maladies vénériennes ...*, pp. 34 e 36, *apud RS/VO*, p. 92.
- ⁹² David Willemse, *op. cit.*, p. 65.
- ⁹³ In *Ribeiro Sanches e Soares de Barros / Novos elementos para as biografias destes académicos (...)*. Prefácio, introdução e notas de António Ferrão, Lisboa, 1936, p. 41.
- ⁹⁴ Ribeiro Sanches, *Methodo para aprender a medicina ...*, p. 61, *apud RS/VO*, p. 93.
- ⁹⁵ Carta de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares, de 18 de Janeiro de 1733, in *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, p. 40.
- ⁹⁶ *Ibidem* e Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 93.
- ⁹⁷ D. Willemse, *op. cit.*, p. 66.
- ⁹⁸ Maximiano Lemos, «Notícia de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 53.
- ⁹⁹ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, in *op. cit.*, pp. 49-50.
- ¹⁰⁰ *Ibidem* e Carta de 15 de Julho de 1735 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 120.
- ¹⁰¹ Carta de 18 de Janeiro de 1733 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, p. 40; Maximiano Lemos, *RS/VO*, pp. 105-106 e David Willemse, *op. cit.*, p. 65.
- ¹⁰² C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 8.
- ¹⁰³ Rómulo de Carvalho, *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1979, p. 21.
- ¹⁰⁴ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 8.
- ¹⁰⁵ Carta de 18 de Janeiro de 1733 a Pacheco Valadares, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, nova série, 3.º ano, 1912, p. 41.
- ¹⁰⁶ *Ibidem*.
- ¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 35. Cf. com Andry, *op. cit.*, p. 9.

¹⁰⁶ Rómulo de Carvalho, *op. cit.*, p. 23.

¹⁰⁹ Carta de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», in *AHMP*, nova série, 4.º ano, 1913, p. 120-21.

¹¹⁰ Carta de Ribeiro Sanches a Pacheco Valadares, de 15 de Julho de 1735, in «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, n.º3, 10 de Junho de 1912, pp. 75-80.

¹¹¹ *Ibidem*, pp. 47-48 e *ibidem*, n.º 3, 10 de Junho de 1912, p. 75.

¹¹² *Ibidem*, pp. 57, 121 e 126.

¹¹³ *Ibidem*, pp. 25-27. Sobre o atraso de Portugal e os efeitos nele provocados pelo «monstro» do ócio («mãe da ignorância») e pela destruição da reputação do trabalho, da indústria útil e «por consequência, de toda a virtude» que, em grande parte, atribui à Escolástica e às Ordens monásticas, veja-se a sua carta a Soares de Barros de 31 de Julho de 1758, in *op. cit.*, pp. 39-40.

¹¹⁴ *Ibidem*, pp. 31 e 126.

¹¹⁵ *RSVO*, pp. 122-126.

¹¹⁶ Rómulo de Carvalho, *op. cit.*, p. 39. A propósito da sua actividade médica ao serviço da Corte imperial russa veja-se a sua carta a Soares de Barros de 16 de Setembro de 1760, in *op. cit.*, p. 65.

¹¹⁷ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 11 e *RSVO*, p. 133.

¹¹⁸ Carta de Van Swieten a Ribeiro Sanches, de 10 de Dezembro de 1743, in ms. n.º 12713, f. 118, da Biblioteca Nacional Austríaca (Viena).

¹¹⁹ Carta de J. G. Gmelin a Ribeiro Sanches, de 21 de Maio de 1743, in ms. n.º 12713, f. 321, da Biblioteca Nacional Austríaca (Viena).

¹²⁰ Sugurov, «Histoire des Juifs en Russie», in *Russkij Archiv* (1894), *apud* David Willemse, *op. cit.*, p. 56.

¹²¹ David Willemse, *op. cit.*, pp. 51-52.

¹²² Veja-se a este propósito, a carta de Bestuzev a Razumovskij, de Abril de 1749, *apud* D. Willemse, *op. cit.*, p. 57.

¹²³ Andry, *op. cit.*, p. 11 e Carta de Stehlin a Andry, de S. Petersburgo, datada de 20 de Dezembro de 1783, f. 75-76 do ms. n.º 12714 da Biblioteca Nacional Austríaca (Viena), *apud* David Willemse, *op. cit.*, pp. 16-17 e 52 e S. Gruzenberg, «Le Docteur Sanches. Médecin de l'Impératrice Elisabeth Petrovna» (discurso pronunciado em 5 de Novembro de 1897 na comissão histórico-etnográfica da Associação para a propagação da instrução cultural entre os Judeus e publicado na revista «Voschod», S. Petersbourg, Julho de 1898, pp. 22-38), *apud* David Willemse, *op. cit.*, p. 39.

¹²⁴ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, pp. 18-19.

¹²⁵ Efectivamente, Van Swieten, em carta enviada a Sanches, em 29 de Abril de 1746 congratulava-se por este já se encontrar em convalescença da «terrível e longa doença» que o atormentara (*in ms. n.º 12713*, da Biblioteca Nacional Austríaca, Viena) e Gmelin, alguns meses depois, em carta de 2 de Dezembro de 1746, congratulava-se, também, por Sanches já se encontrar de «saúde perfeita» (*in ms. n.º 12713*, f. 346, da Biblioteca Nacional Austríaca, Viena).

¹²⁶ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 12.

¹²⁷ Carta de Stehlin a C.-L.-F. Andry, de S. Petersburgo, datada de 20 de Dezembro de 1783, f. 75-76 do ms. n.º 12714 da Biblioteca Nacional Austríaca (Viena) *apud* David Willemse, *op. cit.*, p. 53; e também C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 12.

¹²⁸ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 12.

¹²⁹ *Ibidem.*

¹³⁰ *Ibidem.*

¹³¹ *Apud* David Willemse, *op. cit.*, p. 41.

¹³² Carta enviada a Ribeiro Sanches, de Viena, em 23 de Novembro de 1749 (*in ms. n.º 12713*, f. 144, da Biblioteca Nacional Austríaca, em Viena).

¹³³ *Apud* D. Willemse, *op. cit.*, p. 41.

¹³⁴ S. Gruzenberg, «Le Docteur Sanches. Médecin de l'Impératrice Elisabeth Petrovna» (discurso pronunciado em 5 de Novembro de 1897 na comissão histórico-etnográfica da Associação para a propagação da instrução cultural entre os Judeus e publicado na revista «Voschod», S. Petersbourg, Julho de 1898, pp. 22-38), *apud* David Willemse, *op. cit.*, pp. 41-42 e notas 27 e 28.

¹³⁵ *Apud* David Willemse, *op. cit.*, p. 53.

¹³⁶ *RSVO*, p. 192.

¹³⁷ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 14; sobre este misterioso Dr. Álvares da Silva, veja-se Maximiano Lemos, «Amigos de Ribeiro Sanches», *in Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 185-192. Quanto a Joaquim Henriques de Paiva, importante, sobretudo, como «vulgarizador de trabalhos estranhos», era parente de Ribeiro Sanches. Nascera em Castelo Branco em 23 de Dezembro de 1752, filho de António Ribeiro de Paiva, de Penamacor (irmão de Ribeiro Sanches) e de Isabel Aires Henriques. «Estudou Medicina em Coimbra como porcionista, pouco tempo depois da reforma universitária, quando a cátedra era ocupada por António José Pereira e Francisco Tavares. Exerceu as funções de demonstrador no Laboratório da Universidade, e já em 1785 clinicava em Almada, tendo igualmente estado no Brasil por esta época. Durante o seu curso organizara em Celas uma espécie

de agremiação científica, em que eram estudados e discutidos os problemas que mais interessavam aos estudos que cursavam. Para os seus companheiros compôs em latim uns *Elementos de Chimica* que outro colega traduziu para português. Foi também um dos membros mais activos da Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro, instituída sob os auspícios do Conde de Lavradio, vice-rei do Brasil no tempo de D. José I. Clinicando em Lisboa e entregue por completo à tradução e vulgarização de todas as obras de algum valor que se publicavam no estrangeiro, alcançou grande número de distinções e foi por vezes encarregado de comissões importantes. Era fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, médico da Real Câmara, deputado da Real Junta do Proto-Medicato, censor régio da Mesa do Desembargo do Paço e membro de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras. Chegou até a ser considerado como professor da Faculdade de Filosofia, com exercício na cadeira de Farmacia em Lisboa. Afeiçoado ao Governo francês durante a invasão de Junot, foi depois perseguido, preso e por sentença do Juízo da Inconfidência, de 24 de Março de 1809, foi demitido de todos os cargos que exercia e condenado ao degredo no Ultramar» (Maximiano Lemos, *História da Medicina em Portugal / Doutrinas e Instituições*, vol. II (1899), Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991, p. 220). Reintegrado, em 1818, nas funções e cargos que exercera, veio a morrer em 1829, na Baía. Veja-se também sobre Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Maximiano Lemos, «Amigos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 296-346.

¹³⁸ Maximiano Lemos, «Amigos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 347.

¹³⁹ *RSVO*, pp. 146-47 e C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 14; sobre João Jacinto de Magalhães veja-se Maximiano Lemos, «Amigos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 236-295.

¹⁴⁰ Sobre Soares de Barros veja-se Maximiano Lemos, «Amigos de Ribeiro Sanches», in *Estudos de Medicina Peninsular*, Porto, Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 192-232. O próprio Sanches confessa, no prólogo do seu *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) a dívida desta obra aos conhecimentos de Física e Matemáticas de Soares de Barros.

¹⁴¹ Ofício de Galvão de Lacerda, de 27 de Fevereiro de 1755, dirigido a Diogo de Mendonça Corte Real, *apud* «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, pp. 451-52.

¹⁴² Ver C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, pp. 18 e 19-20; e ainda, o t. IV, pp. 56-58 da *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Machado (Lisboa, MDCCLIX). Uma biografia, algo retórica, baseada em Andry mas com alguns dados colhidos no depoimento de Álvares da Silva, é a de Vicq-d'Azyr, então Secretário Perpétuo da Sociedade Real de Medicina de Paris (e, nessa qualidade, encarregado de fazer o elogio fúnebre de Sanches) que se pode ler nas *Oeuvres de Vicq-d'Azyr, recueillies et publiées avec des notes et un discours sur sa vie et ses ouvrages*, par Jacq. L. Moureau (de la Sarthre), Paris, An XIII-1805, t. III, pp. 217-257.

- ¹⁴³ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, *in op. cit.*, p. 48.
- ¹⁴⁴ Carta de Ribeiro Sanches a D. Luís da Cunha, de 26 de Janeiro de 1757, *apud RS/VO*, pp. 343-44.
- ¹⁴⁵ Ofício de Ribeiro Sanches a Monsenhor Salema, de 26 de Junho de 1758, *apud RS/VO*, p. 344. Este método foi republicado por Maximiano Lemos nos *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa* (Porto), vol. VI, 1896, pp. 20-25, 49-55 e 92-96.
- ¹⁴⁶ Ribeiro Sanches, «método para introduzir a Medicina em Portugal, fundada na verdadeira Física...» (26 de Junho de 1758), *in Archivos de História da Medicina Portuguesa* (Porto), vol. VI, 1896, p. 20 e ofício de Ribeiro Sanches a Monsenhor Salema, de 26 de Junho de 1758, *apud RS/VO*, pp. 344-45 e p. 169.
- ¹⁴⁷ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, *in op. cit.*, pp. 55-56.
- ¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 52.
- ¹⁴⁹ *RS/VO*, p. 171.
- ¹⁵⁰ *Apud* Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», *in Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, p. 454. Esta intimidade de Ribeiro Sanches com Salema manter-se-á até às desavenças entre este e Soares de Barros (*ibidem*, p. 456).
- ¹⁵¹ *Apud* Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, nota 2, p.191-92.
- ¹⁵² Joaquim Ferreira Gomes, *op. cit.*, pp. 193-96.
- ¹⁵³ *RS/VO*, pp. 172-73. Sobre o teor desta carta ver o meu artigo sobre «A Ideia de tolerância em Ribeiro Sanches», *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho, Braga, 1994, pp. 379-84.
- ¹⁵⁴ Carta de Ribeiro Sanches a Francisco de Pina e de Melo, de 16 de Setembro de 1760, *in op. cit.*, p. 65.
- ¹⁵⁵ S. Gruzenberg, «Le Docteur Sanches. Médecin de l'Imperatrice Elisabeth Petrovna» (discurso pronunciado em 5 de Novembro de 1897 na comissão histórico-etnográfica da Associação para a propagação da instrução cultural entre os Judeus e publicado na revista «Voschod», S. Petersbourg, Julho de 1898, pp. 22-38), *apud* David Willemse, *op. cit.*, pp. 45-46.
- ¹⁵⁶ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 12, nota 2 e Rómulo de Carvalho, *op. cit.*, pp. 44-52. Assinale-se que *Les Planes et les Satuts, des différents établissements ordonnés para sa Magesté Imperiale Catherine II pour la éducation de la jeunesse, et l'utilité générale de son Empire, écrites en Langue russe par Mr. Betzky & traduits en Langue Française, d'après les originaux, par M. Clerc* (Amsterdam, MDCCLXXV) muito devem, como diz o seu autor, aos conselhos

de Ribeiro Sanches. Sobre as influências deste em Beckoj veja-se David Willemse, *op. cit.*, pp. 122 e ss.

¹⁵⁷ *Apud* D. Willemse, *op. cit.*, p. 46. Contudo, Ribeiro Sanches, em carta de 12 de Janeiro de 1763, enviada a Stehlin, Secretário perpétuo da Academia Imperial e Conselheiro de Estado, agradece-lhe a ordem que este deu à Chancelaria da Academia, em 17 de Junho de 1762, para que lhe fosse restituído o seu lugar de membro honorário (*in ms. n.º 12713, ff. 458-59, da Biblioteca Nacional Austríaca, em Viena*), o que permite concluir que a reabilitação de Sanches é, de facto, anterior a Novembro de 1762.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 47.

¹⁵⁹ Ribeiro Sanches, *Journal*, *apud RSVO*, p. 196.

¹⁶⁰ Ofício de D. Vicente de Sousa Coutinho a D. Luís da Cunha, de 13 de Fevereiro de 1769, *apud RSVO*, p. 348 e Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», *in Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, p. 458. Ver também, a propósito dos seus protestos de fidelidade ao monarca português, a sua carta ao Conde de Oeiras, de 9 de Outubro de 1769, *apud RSVO*, pp. 350-51.

¹⁶¹ *RSVO*, pp. 179-80 e Cartas de D. Luís da Cunha a Vicente de Sousa Coutinho, de 9 de Abril e de 18 de Julho de 1769, onde insiste para que lhe seja enviado o custo de impressão do *Método mais util par aprender e ensinar Medicina*, a fim de Sanches ser reembolsado da sua despesa e se diz, também, que a sua mezada lhe foi restabelecida por ordem régia (*apud* Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», *in Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, pp. 458-59).

¹⁶² Carta de Ribeiro Sanches ao Conde de Oeiras, de 9 de Outubro de 1769, *apud RSVO*, p. 351.

¹⁶³ Arthur Araújo, *Gazeta dos Hospitais*, 3.º ano, n.º 22, *apud RSVO*, p. 2.

¹⁶⁴ Carta de 20 de Março de 1735 a Pacheco Valadares, *in* «Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valadares», *AHMP*, n.º 2, 10 de Abril de 1912, pp. 43-44.

¹⁶⁵ Ribeiro Sanches, *Observations sur les maladies vénériennes – Avis de l'éditeur*, *apud RSVO*, p. 148.

¹⁶⁶ *RSVO*, p. 184.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 185.

¹⁶⁸ *Ibidem*, pp. 185-86.

¹⁶⁹ C.-L.-F. Andry, *op. cit.*, p. 16. Nas Memórias desta Sociedade (3.º volume) se publicará a última obra impressa de Sanches (*Mémoire sur les bains de vapeur de Russie*) que fora lida, em 1779, na Faculdade de Medicina da capital francesa.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 17, p. nota 1.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 17.

¹⁷² *RS/VO*, p. 203 e Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, pp. 462-63.

¹⁷³ *Apud* Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, p. 462.

¹⁷⁴ *Apud* Maximiano Lemos, «Portugueses ilustres em França: Soares de Barros, João Jacinto de Magalhães e Ribeiro Sanches», in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III, 1909-1910, p. 463.